

Manfredo Oliveira prova que já é possível filosofar em Português



Sob o signo da polêmica, Manfredo vive o dogma de questionar. Suas efervescências racionais põem fé e filosofia em questão.

arredores de Munique. Do mergulho, ainda captou a seriedade e espírito de rigor típico dos germânicos. Selou o compromisso de unir o saber científico à ética e aos conflitos da vida cotidiana e rumou de volta para praticar aqui as lições assimiladas lá. Antes, no entanto, ordenou-se padre, após relutar por um bom tempo contra o que também lhe era vocação. Casou fé cristã e criticidade e recebeu as bênçãos de uma recém-surgida Teologia da Libertação.

Daí em diante, filosofar em português deixou de ser piada. O religioso-pensador, modesto como todo sábio que se preze, descartou as possibilidades de lecionar em avançados centros acadêmicos Brasil e mundo à fora - sabe-se que não foram poucos os convites tentadores - para contribuir com a melhoria da qualidade de ensino, pesquisa e extensão na própria Universidade Federal do Ceará. O mestrado e doutorado do Curso de Ciências Sociais e Filosofia são palcos onde o mestre é sempre protagonista do que há de mais atual e instigante na área. Sensíveis a isso, não são poucos os "discípulos" que têm sempre em mãos um gravador portátil pronto a disparar assim que o filósofo entra em cena, devidamente coadjuvado por carisma e teatralidade inconfundíveis. Ao término de cada conferência-aula, o "bravo" fica subentendido, enquanto os ensinamentos se eternizam.

O padre Manfredo, assim como o filósofo, é crítico compulsivo e não aceita com naturalidade as chagas sociais do mundo moderno. Para ele, a presença do mal na vida humana é mistério que a Filosofia não elucida, só restando como bálsamo uma fé inabalável no potencial transformador da razão e do homem. Passional quando a causa é por direitos básicos de uma maioria desassistida, dá um rosário para não entrar numa briga e outros tantos para não sair. Vide o episódio em que foi exonerado da direção do Seminário da Prainha, em 83, acusado de subversão por apoiar um motim envolvendo retirantes da seca.

Durante a entrevista aos estudantes de Comunicação Social da UFC, fala a língua dos anjos e dos homens com a simplicidade de quem não dá a menor trela para o Olimpo. É ler para crer.

Se está provado que só é possível filosofar em alemão, então Manfredo Araújo de Oliveira nasceu mesmo sob o signo da dialética, confundindo por completo as aparentemente inquestionáveis teses. A antítese pode ser esta: há mais filosofia entre a Alemanha e o Ceará do que supõe a vã sabedoria mundial. E foi isso que a Universidade Ludwig Maximilian de Munique veio a aprender com o latino doutorando, oriundo de um tal Ginásio Diocesano, em Limoeiro do Norte - interior cearense - passando pelo Seminário Provincial de Fortaleza e já trazendo nas trouxas um mestrado em Teologia, na Itália. Subdesenvolvido de origem, mas nada miserável de idéias, o limoeirense tinha sede e fome sim, só que de conhecimentos.

Cabeça-chata cheia de razão, tratou de deitar confortavelmente no berço da Filosofia, mas sem dormir no ponto. A Alemanha do fim da década de 60 o fez beber a historicidade de Heidegger e degustar os frutos mais frescos da Escola de Frankfurt, servidos pessoalmente por Habermas, durante as muitas conferências realizadas à época, nos

Entrevista com o Filósofo e Professor da UFC Manfredo Oliveira, dia 12/5/94.

Produção:

Ethel de Paula e Liana Farias.

Abertura:

Ethel de Paula.

Redação, edição e texto final:

Cláudia Monteiro, Francineide Martins e Marília Aguiar.

Participação:

Cláudia Monteiro, Ethel de Paula, Francineide Martins, Liana Farias e Marília Aguiar.

Foto:

Jarbas Oliveira.

Entrevista - Manfredo, você tem toda uma vida dedicada aos estudos, não é? É filósofo, tem mestrado em Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma, tem Doutorado em Filosofia pela Universidade de Munique na Alemanha, é um dos maiores conhecedores da teoria hegeliana do mundo e é professor da UFC (Universidade Federal do Ceará) há 21 anos. Com toda essa bagagem de peso, que lhe rendeu reconhecimento internacional, por que só agora, nos últimos cinco anos, você incrementou a divulgação do seu material, da sua produção científica? Você achava que não tinha nada a acrescentar à sociedade...

Manfredo - É. É isso mesmo. (Ri)

Entrevista - ... ou era relutância ante a aceitabilidade ou não?

Manfredo - Não. Veja bem, tem duas coisas aí, né? Primeiro, a situação de ser nordestino. É uma barra ainda nesse país. É um negócio simplesmente incrível o preconceito que existe no Nordeste... É uma treva só, são os grotões do Brasil, não pode haver ninguém sério no Nordeste... Quer dizer, você precisa, praticamente, "se fazer". Eu, quando tentei a primeira publicação aqui, mandei o livro aqui pra Editora da UFC, e me devolveram dizendo que eu teria condições de publicar no Sul, por isso que não iam publicar. Ora...

Entrevista - Qual foi o livro?

Manfredo - É o "Filosofia Transcendental e Religião". Foi o primeiro livro que eu publiquei em Português, que foi exatamente a tese pra ser professor titular. Então durante muito tempo, de fato escrevia mas não publicava e porque achava que não tinha muita coisa a dizer, né? Depois é que eu fui tomando consciência que não era tanto assim talvez, que talvez eu fosse necessário, inclusive porque a bibliografia em filosofia em Português é muito pequena. Há muito poucas obras - há obras traduzidas, mas obras feitas realmente no Brasil são muito poucas. Bom, eu tive uma formação que poucos brasileiros tiveram. E tive a oportunidade de estudar quase dez anos na Europa, achei que tinha quase como uma espécie de missão de botar pra render isso. Agora, até você furar essas barreiras e conseguir, minimamente, condições de publicação, é um negócio meio complicado. Então foi isso. Eu estou aí com vários livros, assim um depois do outro - tenho agora, nesse momento, quatro, praticamente, nas editoras - mas não é uma coisa que eu

escrevi tudo a último tempo, não é? Quer dizer, são coisas que já tinham sido escritas e que foram reescritas, remodeladas, reatualizadas, porque no passado eu escrevia e... ficava aí.

Entrevista - Olhando os títulos dos artigos e livros, a gente percebe que os temas são mais voltados para a realidade cotidiana. Isso ocorre mesmo? Você trouxe os seus conhecimentos filosóficos mais para a realidade cotidiana?

Manfredo - Sim. Veja bem, eu fui formado na Alemanha numa época em que a influência de Heidegger era muito forte. Heidegger é o grande filósofo da historicidade, que faz uma grande crítica a todo o pensamento ocidental, precisamente por ser um pensamento que não pensou a História. Quer dizer, com Heidegger, a grande falha do pensamento ocidental é ser um pensamento a-histórico. Há um esforço enorme de pensar a

“Então durante muito tempo, de fato escrevia mas não publicava e porque achava que não tinha muita coisa a dizer, né?”

história, pensando a história, pensando os temas que interessam ao homem no dia-a-dia. Quer dizer, essa influência eu trouxe desde o princípio porque eu fiz tese na Alemanha com um professor que era heideggeriano, né? É um dos grandes heideggerianos da Alemanha ainda vivo, já velho a essas alturas, mas é uma pessoa que tentou, como talvez ninguém mais, um diálogo muito profundo entre o pensamento da tradição e o pensamento de Heidegger. Então eu vivi nesse ambiente. Daí porque a influência dessas questões ou o interesse por estas questões foi desde a minha formação.

Entrevista - Como é o nome desse professor?

Manfredo - Max Müller. É um pensador que originariamente foi professor da Universidade de Freiburg durante a guerra. Ele foi entregue pelo próprio Heidegger como inapto para o ensino universitário porque não era nazista, pelo contrário, sempre foi um grande defensor da democracia. E teve que então deixar a Universidade e ir para a fábrica, mas

isso não impediu de ele ser capaz de começar um diálogo teórico muito sério com Heidegger, né? E como ele era de formação clássica, ou seja, conhecia muito bem a filosofia da tradição, desde os gregos, ele foi a pessoa que fez um diálogo entre o pensamento da tradição e Heidegger. Então, essa questão da historicidade, quer dizer, a insistência de que a gente deve superar uma filosofia assim aérea, que foge do mundo e da história pra fazer da filosofia um momento da própria história, me levou naturalmente ao interesse, né? Porque foi assim, inclusive, que Heidegger pensou Heidegger - era discípulo do neo-kantismo - e acho que, se não me engano, no começo dos anos vinte ele deu um curso na Universidade de Freiburg sobre as cartas de São Paulo, como filósofo, pra mostrar como São Paulo joga o homem dentro dos conflitos da sua vida cotidiana e onde surge a grande questão afinal: o que é ser homem? O que é que eu vou fazer, como é que eu vou me decidir na vida diante das grandes questões? Foi a partir daí que Heidegger começou a perceber que na Bíblia existia uma concepção de realidade muito diferente dos gregos. Uma concepção mais ligada à História, onde tempo tinha uma significação muito mais humana do que física, né? O tempo aí é o tempo forte do encontro, da busca do sentido. A partir daí Heidegger vai então fazer uma crítica radical a todo o pensamento do Ocidente. Essa influência de um pensamento mais histórico, portanto, comprometido com as grandes questões, eu tinha por um lado por Heidegger, mas, por outro lado, pela grande influência da Escola de Frankfurt. No meu tempo como estudante em Munique, estava naquela época a 30 Km de Munique, Habermas, no Instituto Max Planck. Então, eu tive a oportunidade de vê-lo e ouvi-lo muitas vezes, nas conferências, etc. e tal. E mesmo porque no meu tempo de Universidade na Alemanha a influência da Escola de Frankfurt era muito forte. Eu vivi o 68 na Universidade Alemã, né, toda... A força que tinha o pensamento de um Marcuse, de um Adorno, eu ainda vivi os conflitos da juventude estudantil daquela época universitária, daquela época tanto com os frankfurtianos, né? Então, por essas duas vertentes, né, havia um interesse muito forte pelos problemas da vida cotidiana e sobretudo, tendo vivido dez anos na Europa, a consciência que eu fiquei de que, mesmo dentro do regime capitalista, a nossa situação é uma situação absolutamente absurda. Quer dizer, a



Manfredo é professor dos cursos de Graduação, Mestrado, Doutorado e Especialização em Filosofia da UFC.

Cursou Doutorado ao lado de Leonardo Boff, um dos principais teóricos da Teologia da Libertação.

Está na Universidade Federal do Ceará desde 1973 e é considerado um dos maiores conhecedores hegelianos do mundo.



Atualmente também integra a lista de professores do Doutorado em Filosofia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

No ano de 1973, Manfredo publicou em alemão um livro de filosofia ainda na capital Munique.

Em 1983 publicou "Ética e Sociabilidade" e "Ética e Contemporaneidade".

existência de um país riquíssimo, com tantas condições e uma população miserável, vivendo em condições de miséria, isso não entrava na minha cabeça, nem batia com a filosofia que eu aprendi, né? Então isso me levou necessariamente a trabalhar essas questões.

Entrevista - Agora, Manfredo, você com todas essas percepções na Europa e até pegando carona mesmo nessa coisa da historicidade, nós sabemos que a sua história é realmente rica. Nós queríamos agora fazer um retrocesso e perceber como é que se deu a sua formação em nível de família, em nível de crescimento, amigos, pra o que você é hoje, entende? Fazer um contraponto com as percepções que você teve lá na Europa, com as percepções que você teve de criança. O que você carregou...

Manfredo - É. Eu acho que aí existe um marco básico da minha vida que é a entrada na Ação Católica Estudantil, quando eu estudava no Ginásio Diocesano de Limoeiro (município cearense Limoeiro do Norte, a 204 Km ao sul de Fortaleza). Porque a Ação Católica era um tipo de experiência pastoral que exatamente nasceu da preocupação da Igreja de entrar nas condições novas do mundo moderno, né? Dentro dos ambientes em que as pessoas viviam. Então, era uma maneira de refletir a fé cristã dentro dos ambientes específicos, no meu caso de estudante secundarista, naquela época. Ora, isso levantou problemas enormes, porque eu me confrontei com as grandes questões do mundo - naturalmente no nível que eu podia perceber naquela época - e, ao mesmo tempo, o confronto da fé cristã com essas questões. Isso aí foi o que me deu o grande salto, porque... Bom, eu vivia numa cidade pequena, no interior do Ceará, e que influências tínhamos? Naquela época nem televisão se tinha, passava até um mês sem energia elétrica. (ri)... Nós não tínhamos nem energia naquela época, no Ceará. Nos anos 60, fim dos anos 50, não tínhamos nem energia elétrica! Não tinha nada naquele tempo, só tinha algumas horas de energia elétrica, quer dizer, você não podia... E não existia televisão no Ceará. A televisão chegou em 60. Quer dizer, jornais de fora, os jornais de Fortaleza e olhe lá! Então, o contato com a Ação Católica foi assim uma espécie de revolução. Quer dizer, de repente você ainda muito jovem - eu tinha 12, 13 anos por aí - se confrontava primeiramente com as grandes questões da juventude, mas a partir daí com as grandes questões nacionais, as grandes questões

do mundo. E foi daí que surgiu a vocação, contra a qual eu lutei violentamente, porque minha destinação era ser engenheiro e...

Entrevista - Como assim?

Manfredo - Por uma influência de família porque havia já uma tradição de pai, que meu irmão era professor na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em Engenharia. E na família havia vários outros primos e tudo mais, então havia quase que um consenso que eu, que era muito interessado... Você sabe que na mentalidade do brasileiro as pessoas inteligentes fazem Medicina e Engenharia. Porque as Ciências Humanas são consideradas ciências de segunda categoria. Ainda hoje...

Entrevista - Tem o Direito.

Manfredo - ...No máximo! Pois é, o Direito porque faz parte da tradição. Padre e Direito. Então eu estava destinado a estudar, sempre gostei muito

“... Existe um marco básico na minha vida que é a entrada na Ação Católica estudantil, quando eu estudava no Ginásio Diocesano...”

de estudar e os professores estimulavam muito, e eu realmente gostava. Mas aí veio essa história, apareceu a idéia de ser padre...

Entrevista - A opção pelo sacerdócio veio então do contato com a Ação Católica?

Manfredo - É sim, veio daí.

Entrevista - Manfredo, e por que tanta relutância dessa extrema familiaridade com essa...

Manfredo - Olha, eu me achava uma pessoa extremamente tímida e dizia o seguinte: “o padre tem uma vocação pública, ele é uma pessoa pública, não pode se esconder.” Ele é uma pessoa da comunidade, então como é que vai ser? Eu não tenho coragem de abrir a boca, como é que vai ser? E isso continuou, já tava terminando o curso de Teologia em Roma...

Entrevista - Não tinha coragem de abrir a boca mas com nove anos já percebeu...

Manfredo - É, pois é, era um negócio estranho, na hora da injustiça eu abria a... (Risos). Então veja bem: já no segundo ano de Teologia, terminando quase o curso, eu fui em Roma ver o que eu explicava, eu disse: “olha, não tem jeito mesmo, eu sou ultra-tímido, não dá, não tem condições, eu...” E aí ele me respondeu da seguinte maneira: “Conheci uma pessoa que era muito parecida com você, hoje é um excelente padre.” (Risos) Então eu fiquei sem argumentos. Mas, de fato, era muito medroso mesmo. Eu não sei, depois é que mudou que ainda hoje eu não sei como foi. Eu hoje vou a todo canto do mundo, sem problema nenhum, como se estivesse aqui.

Entrevista - Mas Manfredo, esses teus conflitos giravam só em torno da timidez, não tinha outra coisa de ordem mais pessoal?

Entrevista - Não era uma dúvida ideológica, não era uma relutância de ter que obedecer dogmas, você que é uma pessoa tão racional ter que obedecer dogmas inquestionáveis?

Manfredo - Não. Eu nunca, nunca encarei os dogmas como alguma coisa de irracional. Pelo contrário, eu sempre achei que o Cristianismo tem um conteúdo racional fortíssimo e que uma boa parte da racionalidade ocidental era fruto de, quer dizer... Evidentemente que você pode transformar as coisas mais nobres da vida humana em coisas absurdas, né, e a religião se presta muito pra isso também, mas ela não tem que ser necessariamente assim. Eu não tive um contato com a religião nessa linha. Por isso é que eu digo. É um marco na vida porque o que que a Ação Católica fazia? Trabalhava no método ver, julgar e agir, ajudando às pessoas a serem críticas diante do mundo, a partir da fé. Então a minha experiência de religião enquanto experiência consciente, não era uma experiência castradora da razão, pelo contrário, era uma experiência de estímulo da razão, quer dizer, só depois é que eu fui saber que existia isso, porque o meu acesso ao Cristianismo não foi irracional. Já foi de antemão o contrário, eu me tornei uma pessoa consciente, crítica etc., a partir da experiência na Ação Católica, então eu não podia me imaginar uma coisa assim.

Entrevista - Mas Manfredo - insistindo só mais um pouco -, você se ordenou com 27 anos, quer dizer, é a época que normalmente os homens já têm um casamento, como é que você trabalhou essa questão?



Em setembro de 1993, o padre Manfredo Oliveira fez 25 anos de sacerdócio, comemorados com as CEB's do Lagamar.

Manfredo - Bom, veja bem. Primeiro eu resisti dois anos a entrar. Portanto, eu passei dois anos pensando. Com treze, quatorze anos, foi o período, por um lado, da grande atração e a grande rejeição. Então, eu não sei, talvez eu tenha amadurecido um pouco cedo, mas eu tive condições de pesar tintim por tintim, eu disse: "Olha, se eu entrar nessa história eu não volto mais atrás. Então, eu devo pesar o que é que eu tô fazendo." Bom, uma pessoa que vinha de classe média tinha perspectiva de uma vida com dinheiro e tudo o mais e uma carreira relativamente... Meu irmão já era professor da Universidade do Rio de Janeiro, quer dizer, as perspectivas eram ir pelo mesmo caminho. Então, eu me pus diante de problemas muito concretos: "Eu vou renunciar a muita coisa, então o que é que eu vou fazer?" Segundo, eu não me ordenei depois de terminar o curso. Você disse muito bem. Eu perdi quatro anos. Não perdi, ganhei, de propósito. Primeiro, eu não aceitei entrar no 1º. ano do 2º. grau no seminário. Eu terminei o 1º. grau no Ginásio Diocesano e poderia ter entrado. Mas eu disse: "Não, eu não tenho a bagagem de latim necessária pra poder acompanhar. Eu, voluntariamente, volto." E voltei pra 7ª. série. E fiz de novo 7ª. e 8ª. por causa do conhecimento do grego, do latim, do francês, porque eu sabia que não havia comparação possível entre o nível de estudos do seminário e o nível da escola brasileira, por melhor que ela fosse. E, de fato, tinha razão.

Entrevista - Então naquela época você já pensava em ser padre?

Manfredo - Não. Veja bem...

Entrevista - Já se cobrava muito?

Manfredo - Não. Eu era um sujeito que estudava muito. Botaram na minha cabeça que eu era um rapaz muito inteligente e eu mandei brasa (risos)! Então, eu gostava imensamente de estudar, mas percebia que o nível dos padres não se comparava com o nível de quem saía dum colégio. Então, o primeiro livro que eu li em francês tinha onze anos. Mas sabia que eu não era capaz de ler a literatura francesa na sua expressão maior, o que os meninos do seminário faziam. Por essa razão, eu, voluntariamente, voltei dois anos, 7ª. e 8ª. séries. Bom, esse curso aí me deu uma base humanística sem a qual eu não teria tido condição de fazer a tese na Alemanha, porque, inclusive - na minha época pelo menos, não sei como é agora -, pra você fazer tese de Filosofia se exigia

seis anos de latim e três anos de grego para poder ler os textos dos filósofos gregos e latinos no original. Então essa era a condição. De fato, no exame de Doutorado, os professores citavam Aristóteles em grego e me perguntavam o que é que eu achava, quer dizer, imagine se eu não soubesse grego? Estaria numa condição de vergonha (risos)! Mas depois do curso de Teologia em Roma, eu ainda esperei dois anos porque o meu período de formação teológica em Roma coincidiu com o Concílio Vaticano II, que foi uma verdadeira revolução na Igreja. Todos nós nos sentíamos, de repente, inseguros: "Será que nós estamos prontos? Nós saímos de uma Igreja e, de repente, tá tudo mudando. Há maturidade psicológica para fazer uma opção? Há maturidade afetiva? Eu estou em condições de maturidade pra assumir uma vida celibatária?" Então, fui pra isso fazer tese de Doutorado na Alemanha, dois anos sem ordenação, e só depois de dois anos eu pedi a ordenação.

"Você pode transformar as coisas mais nobres da vida humana em coisas absurdas e a religião se presta muito pra isso também".

Então eu tive um período muito grande e em condições muito livres. Eu estive numa casa de estudante, como qualquer outro estudante normal. Sem que ninguém...

Entrevista - Namorando também?

Manfredo - Não. Não, porque eu tinha tomado uma opção e queria saber se aquela opção era verdadeira. A opção implicava não namoro. Mas não fechei portas a nada. Então, eu não tinha ninguém me olhando. Eu morei simplesmente numa casa de estudante como qualquer outro, né, e depois de dois anos: "Bom (bate na mesa), a coisa tá pronta (bate de novo na mesa), vamos pedir a ordenação." De modo que eu acho que tive um tempo muito grande assim e, sobretudo, condições. É claro que o choque da vida na Alemanha foi muito grande. Veja bem, eu passei primeiro quatro anos na Itália, mas italiano é muito parecido com brasileiro, basta ver a bagunça que é

a Itália (risos). Quer dizer, todo dia uma greve. Você, pra viajar, precisa primeiro telefonar pro Serviço de Greve pra saber quais são as coisas que estão em greve, se você pode tomar uma barca "x" ou se a barca tá em greve, se o trem tá em greve. E o italiano em tudo chega atrasado, aquela bagunça que a gente se sentia em casa. Chega na Alemanha...

Entrevista - Uma bagunça bem latina?

Manfredo - É, sim, uma bagunça latina. Você chega na Alemanha, estilo absoluto, né? Quinze horas, quinze horas (bate na mesa), não passa um minuto. Exigências muito fortes na questão do estudo, na Universidade. Todo dia vinha uma pessoa na Casa do Estudante, jeitosamente, me convencer que eu devia desistir de fazer a tese na Alemanha porque era muita pretensão de um latino, e ainda mais subdesenvolvido, de querer fazer Doutorado na Alemanha. Até que um dia chegou o próprio chefe da Casa do Estudante: "Olhe, você não achava que seria mais conveniente... Porque estudante nenhum latino-americano termina aqui; começa mas não vai ao fim. Não tem perseverança, não tem disciplina etc.."

Entrevista - O que é que você respondia, Manfredo?

Manfredo - Eu não tinha o que responder porque eram fatos. De fato, tinha um lá que já tava há oito anos fazendo tese e não terminava, e por sinal passou dezesseis e não terminou (risos). Quer dizer, não é que se tava falando no ar, tinha fundamento.

Entrevista - Sua resposta era o seu título?

Manfredo - A minha resposta: "Eu vou mostrar a esse povo que eu sou diferente (bate na mesa), que nordestino é pra valer (risos)." Quer dizer, é uma questão de honra até, e foi tanto uma questão de honra que, quando eu me doutorei, eles ficaram tão espantados que fizeram uma festa em homenagem na Casa do Estudante e eu achei muito bom (risos). E o próprio chefe da Casa do Estudante que me aconselhou a desistir me deu um presente, uma grande vela - os alemães gostam muito de vela. Porque eu, como latino-americano, tinha conseguido fazer um Doutorado na Universidade Alemã, pra eles era o máximo! Então, agora eu reconheço que nos três primeiros meses eu pensei em voltar. Porque não é só a questão de dificuldade não, é a questão da própria maneira

O auditório que havia sido reservado no dia anterior para a nossa conversa estava ocupado por outras pessoas.

Manfredo não hesitou em pedir, gentilmente, para que as pessoas que ocupavam o auditório se retirassem.



Manfredo carregava alguns livros, um guarda-chuva e uma pasta, pois havia acabado de dar aula.

Antes mesmo de qualquer pergunta, Manfredo deu o tom da entrevista: nada de o chamarem de senhor, apenas você.

Na primeira pergunta, surpreendeu-se com o grau de informação que tínhamos sobre ele e comentou: "Informada, né?"

de ser. Nós, de fato, somos diferentes. Eu me perguntava: "Meu Deus, onde é que eu estou? Que povo é esse? Que gente é essa tão diferente, tão esquisita? Tudo diferente, nas mínimas coisas, até nas coisas de casa, pra nem falar nos banhos e tudo o mais (risos). Era um colega que teve que se retirar duma casa onde morava porque o rapaz achou que ele era doente da pele porque ele tomava banho todo dia (risos). São questões de diferenças de cultura, que eu depois fui ver que nós parecíamos em muitas coisas tão ridículos como eles nos aparecem. O que é uma questão cultural. E foi exatamente depois que eu fui ao Natal, em casa de amigos, que eu comecei a respirar fundo e comecei a dizer: "Olha, no fundo nós somos da mesma cultura ocidental, há diferenças da maneira de ser, mas há um lastro comum. Eu num tô aqui no Oriente, não tô numa situação inteiramente diferente. Eu posso -, sou suficientemente aberto - acolher o de bom que tem, sem perder a nossa latinidade, nossa maneira de ser." E foi essa a preocupação que eu tive em todo o período que eu passei lá. Aproveitar o choque diferente pra me abrir e ser capaz de acolher o que é bom. A seriedade, o espírito de rigor, por exemplo, é uma coisa muito boa, que me ajudou o resto da vida. Eu tive um mergulho na Filosofia que acho que poucas pessoas têm. A Universidade Alemã é uma universidade muito livre, né, se baseia na famosa "liberdade acadêmica", que vem desde o século passado, depois da Unificação Alemã. Então a idéia é essa: o professor dá o que quer, não existe currículo. E o aluno faz o que quer, o que dá muito a sensação de insegurança pra quem tá começando, mas pra quem tava como eu, fazendo um Doutorado, você já imaginou poder escolher entre sessenta cursos o que eu quiser fazer? Agora, eu me dei conta logo no começo de que eu estava por fora, conhecia muito pouco o pensamento moderno e contemporâneo e que não se podia seguir bem as aulas pelo fato disso. Então eu fiz um programa de estudo, a começar da filosofia moderna, de Descartes (*René Descartes, filósofo e matemático francês do século XVII*) em diante, pra ler tudo sistematicamente. E isso me deu um conhecimento dos textos dos filósofos que é uma base e que ainda hoje me é enormemente útil, e inclusive uma familiaridade depois com o pensamento alemão, porque o medo dos alemães era esse: "Como é que esse camarada que chega aqui e não conhece a tradição filosófica alemã - que tem a fama de ser 'enorme' e muito séria - e se mete a fazer uma tese?"

Entrevista - Manfredo, então por que você optou por voltar e até hoje permanece aqui, sabendo que talvez o terreno mais fértil dessa sua paixão pela Filosofia não está exatamente aqui? Por que você permanece aqui com toda essa bagagem? O que é que lhe prende no Ceará, na Federal (UFC) e no Brasil?

Manfredo - Veja bem, a própria Filosofia em que eu me movia, se eu entendo a Filosofia como uma revisão radical da vida, ela tem compromisso com a vida e a minha vida não era na Alemanha, era aqui. Eu não poderia estudar uma filosofia descompromissada com a humanidade. E o homem com o qual eu estava comprometido era o homem das minhas raízes. Então, pra mim, nunca se pôs a questão de ficar na Alemanha, jamais passou pela cabeça. Evidentemente agora eu não podia nem pensar, né? Porque com a situação que está na Alemanha, nem os alemães conseguem lugares na Universidade. Já no meu tempo se falava em proletariado acadêmico porque a

"A minha resposta: 'Eu vou mostrar a esse povo que eu sou diferente. Que nordestino é pra valer.'"

Alemanha tinha excesso de formados. Então, não tem lugar suficiente. Quer dizer, houve uma explosão até de estudantes universitários, mas mesmo assim não houve a capacidade de dar emprego pra todo esse pessoal... Eu quando voltei seis anos depois a Alemanha, encontrei colegas que ainda continuavam sem emprego. Tinham feito Doutorado e não encontravam lugar nas universidades. Outro dia, a professora Renata Hurt, que anda vez por outra aqui, me disse que hoje na Alemanha é comum que, quando abrem uma vaga na Universidade, aparecem simplesmente quatrocentos candidatos. Quer dizer, hoje não se poderia pensar, mas naquela época, talvez. Bom, eu fui colega de um brasileiro que ainda hoje é professor na Universidade de Munique, de Filosofia. Mas eu nunca pus isso como opção de vida, porque pra mim a questão das raízes, a ligação não só com o Brasil, com o Nordeste, era uma questão muito forte. Se a gente é bom mesmo, a

gente deve dar conta dessa bondade no próprio Nordeste e deve dar a contribuição que tem que dar a partir da situação que a gente vive.

Entrevista - Manfredo, ainda tomando isso como gancho, você ser um crítico profundo dessas questões sociais em um país de analfabetos e de gritantes contrastes no âmbito econômico, social, não é algo muito dolorido? Você já pensou até onde o seu trabalho, o seu poder de penetração pode chegar?

Manfredo - É, mas aí eu acho que é uma coisa comum, que Hegel diria: "É comum a quem tem religião, a quem é artista e a quem é filósofo." Porque essas três atividades da vida humana, dizia Hegel, são atividades cuja especificidade é pensar o sentido da vida humana e quem pensa o sentido descobre o não-sentido, de fato existente. Então, o religioso no fundo é um solitário. Veja só a figura de Jesus que, no fim, não tinha nem os apóstolos em torno dele. Na hora da dificuldade correu todo mundo, ele quis saber: "Que é que eu fiz com essa turma? Passei três anos com esse pessoal, ninguém me entendeu". Quer dizer, era um grande solitário, porque os seus grandes ideais não foram compreendidos nem por aqueles que eram os mais íntimos. Os grandes artistas passam uma situação semelhante, são muitas vezes incompreendidos. E eu acho que o filósofo - Kant dizia: "O filósofo é um sujeito chato, um sujeito que bota o mundo de cabeça para baixo". Então, o mundo tem dificuldade porque a missão do filósofo é de questionar. Ele é meio assim, tido como uma pessoa que atrapalha o normal da vida, né, porque a vida se faz... mais fluidamente quando ninguém questiona. Agora, isso para o filósofo mesmo é sempre uma situação de muita dor. Eu acho, quem exprimiu isso da maneira mais radical na própria vida, e chegou a somatizar isso, foi exatamente Nietzsche. Ele viveu esse drama do filósofo até as últimas consequências, ficou louco. Quer dizer, o filósofo não tem lugar nesse mundo, porque aquilo que pra ele tá chamando a atenção, ninguém tá enxergando. Então, eu acho que...

Entrevista - Você vive esse drama?

Manfredo - Não, ninguém. Quem assumiu isso tem que assumir as consequências... Ou seja, é acreditando na razão, acreditando no homem, acreditando na possibilidade de fazer alguma coisa, sabendo que para chegar até lá você não vai ter uma vida fácil. A posição de



Até mesmo as perguntas sobre sexualidade, que tínhamos que o constrangessem, foram respondidas de maneira tranqüila e firme, sem titubeios.

Fischer sempre me chamou a atenção, que a Filosofia nunca era uma posição apenas teórica. Ela é em primeiro lugar, e primariamente, uma posição prática, é uma posição de vida, é uma forma de vida. Aliás, não é descoberta de Fischer, já era a grande intuição dos gregos: "Quem filosofa busca a verdade e se choca com tudo aquilo que não está disposto a ser questionado pela verdade." Então, eu tive muita clareza, sempre, disso, e assumi o preço. Durante os estudos de Filosofia, eu tive oportunidade de ver certos colegas e certas coisas. Por exemplo, onde, às vezes, as pessoas não assumiam a radicalidade de certas posturas. Eu fiquei muito impressionado porque a Anistia Internacional me convidou a ajudar os brasileiros que chegavam à Europa, em troca dos embaixadores na época da ditadura militar. Então, eu tive contato com as pessoas, não me lembro mais assim os nomes, mas a gente tava sempre em contato com a turma que vinha das prisões e eram pessoas que foram presas, que deram a vida por mudar essa sociedade. A gente pode dizer pela dignidade da pessoa humana, né? E eu de repente descobria que essa dignidade tinha limites. Por exemplo, quando se tratava de questões sexuais, ou mesmo da questão da mulher, de repente a dignidade desaparecia. A mulher não era mais um ser digno, era um objeto de cama e mesa. Então, o mesmo sujeito que era capaz de dar a vida pra mudar a sociedade brasileira, quando chegava na esfera da sexualidade, que se tratava de respeitar a mulher, não, aí não é mais o problema da dignidade, é outra coisa. Então aí eu me perguntava: "Por que a mulher é um bicho de segunda categoria? Por que ela é pessoa pela metade? Por que na sexualidade também não se põe o problema da dignidade?" Então, eu vi sempre que a filosofia me levava a uma postura radical. Quer dizer, defender certos princípios - e eu via isso, inclusive, lendo as histórias... Eu estudei numa universidade, que está numa praça, que tem o título dos irmãos Scholtz, que foram mortos em defesa dos grandes ideais humanos, pelo Nazismo. Quer dizer, toda vez que eu entrava naquela universidade eu me lembrava dos irmãos Scholtz que foram sacrificados em defesa da vida, em defesa da dignidade da pessoa humana etc.. E eu pensava: "Quantas pessoas aqui na Alemanha, durante o Nazismo..." - Eu morei em Munique, a vinte quilômetros do campo de concentração de Dahal. E visitei aquilo, e uma coisa que me impressionou muito é que no

centro daquele campo de concentração tem uns retratos, tem um monumento enorme escrito em seis línguas: "Nunca mais de novo". Então nunca mais de novo numa situação dessa! Então, não só a Filosofia, mas o próprio fato de estudar numa Alemanha que passou pela barbárie do Nazismo e a humilhação mais profunda da vida humana, da dignidade, tudo isso me levava a dizer: "Bom, a defesa da dignidade da pessoa humana pode me levar a absurdos." Ou seja, pode me levar a sacrifícios. Pra mim sempre foi claro que um filósofo não pode ser só um teórico. Para poder levar sua Filosofia até o fim, ele tem que assumir atitudes concretas dentro da vida. Um exemplo, Edith Stein. Uma judia que era discípula de Edmund Husserl com "h", o Husserl alemão, o fenomenólogo. Ela era a grande assistente de Husserl na Universidade de Freiburg e se converteu ao Cristianismo, se tornou freira e foi

"Por que a mulher é um bicho de segunda categoria? Por que ela é pessoa pela metade? Por que na sexualidade também não se põe o problema da dignidade?"

sacrificada nos campos de concentração. Quer dizer, também ela compreendeu que a Filosofia e a fé levam à vida, que não pode ficar só em declarações, mas implicam atitudes. Então, a Filosofia é o abrir o espaço para uma vida racional. Os gregos sempre fizeram assim. Então, isso não tem preço, mas aí é que tá, é um problema de opção, aceitar ou não aceitar, viver em função da verdade, da busca da verdade, da busca do bem, da busca da dignidade da pessoa humana. É a questão de saber se eu aceito ou não aceito esses valores básicos na vida.

Entrevista - É por isso tua ligação com a Teologia da Libertação e a ação nas comunidades eclesiais de base?

Manfredo - Sim, é. Porque a Teologia da Libertação, eu compreendi a princípio, que ela era um esforço de iluminar a vida daqueles cristãos que estavam comprometidos com a transformação dessa sociedade e,

sobretudo, que estavam comprometidos com as causas das grandes maiorias oprimidas. Então, essa teologia era uma maneira de dizer como é que a fé inspira uma luta. Claro, quer dizer, tinha as duas coisas que, para mim, nunca foram pontos divergentes, quer dizer, a filosofia - a filosofia comprometida com o homem e a dignificação da vida humana -, a fé cristã, que era a tradução disso numa proposta religiosa e, agora um Cristianismo, que, diante da situação de miséria de milhões de pessoas, levantava a questão básica: como ser cristão num mundo de miseráveis. É por aí que se deu meu contato com a Teologia da Libertação, muito mais do que pela própria ligação de amizade que, como eu disse antes, Leonardo Boff e eu fomos colegas de universidade e nos conhecemos e nos tornamos amigos desde o tempo, nos anos 60 e começo dos anos 70, quando estávamos estudando na Universidade da Alemanha.

Entrevista - Manfredo, a gente tem a impressão que, de um tempo pra cá, se eu tiver errada você me corrija, a igreja católica, vem perdendo muitas "ovelhas" para outros tipos de facções religiosas, tipo Igreja Universal. Na sua opinião, por que vem ocorrendo isso? A Igreja Católica tem se distanciado, das classes populares?

Manfredo - Olha, primeiro eu não sei se a gente pode falar que a Igreja Católica vem perdendo "ovelhas", porque num país onde mais de noventa por cento da população se diz católica, e onde o contato com a Igreja Católica, eu não sei se chega a dez por cento. A gente não pode falar que perdeu, porque nós somos católicos sociologicamente. Católicos porque nascemos num país católico, todo mundo foi batizado e se diz católico. Que significa isso, como parte que pertence à Igreja? Não sei. Segundo: nós, nesse caso se a gente considera perda da Igreja, não é só a Igreja Católica, são também as Igrejas Protestantes da Reforma, as grandes Igrejas dos Luteranos, dos Metodistas. Estão perdendo, nesse sentido, todos, para igrejas ditas pentecostais. Eu acho que a gente deve encarar isso, em primeiro lugar, como um fenômeno social. Nós estamos vivendo uma grande crise, uma nostalgia de sentido global pra vida. A modernidade é uma forma de organização da vida humana que se concentrou muito nas tarefas, vamos dizer assim, históricas, políticas, econômicas etc.. E o grande projeto da modernidade era o domínio do mundo, né, o controle técnico das coisas

Durante toda a entrevista, Manfredo gesticulou muito. Parecia querer dar a cada palavra um significado que a transcendia.

Várias vezes modulava a voz de acordo com o tipo de atenção que a frase requeria. Assim, gritava e sussurrava de acordo com o contexto.



Manfredo viaja frequentemente para promover lançamento de livros, participar de debates e seminários, além de integrar bancas examinadoras de trabalhos acadêmicos.

Em Colóquio Internacional sobre Capitalismo, Manfredo foi o único pesquisador do Terceiro Mundo recrutado pelo filósofo político Ernest Mand.

Manfredo é um dos poucos autores que não precisam correr atrás das editoras. Elas mesmas o procuram e sabem do retorno garantido.

etc., e a religião ficou reduzida à esfera do privado. Ela perdeu seu espaço público. Ela não desapareceu, mas ela perdeu seu espaço. Ela deixou de ser o eixo que organizava toda a sociedade. De repente, as pessoas começam - isso foi o que Max Weber chamou desencantamento do mundo - de repente, o mundo ficou desencantado porque ele não precisava mais da religião pra se explicar, você tinha a ciência para explicar o mundo. Hoje, os sociólogos estão falando no "desencantamento do desencantamento", quer dizer, as pessoas começaram a ficar desencantadas com esse mundo desencantado, ou seja, começaram a sentir uma nostalgia de sentido. E sobretudo, com o impacto - nós, brasileiros mais ainda, todos nós latino-americanos, porque nós tivemos a modernização em muito pouco tempo, quer dizer, aquilo que a Europa fez em duzentos anos nós fizemos em... dez anos! O impacto foi violentíssimo. Não sei se vocês imaginam um país que era fundamentalmente agrário, ou predominantemente agrário até bem pouco tempo, em menos de trinta anos, ou menos de vinte anos, esse país se transforma numa potência industrial no meio do mundo subdesenvolvido. Milhões de pessoas que saíram de suas terras no campo para a cidade, para um estilo de vida completamente diferente - isso provoca um impacto, a nível dos valores e da visão de vida, enorme! Então, essas pessoas de repente se sentem completamente inseguras e há certos tipos de religião que têm respostas imediatas a grandes questões e dão, em segundo lugar, um nome às pessoas - as pessoas nessas grandes metrópoles se sentem perdidas, num mundo anônimo, não sabem quem é quem, vira um número - e de repente você chega numa comunidade religiosa: "Você é fulano de tal. Vou te visitar. Você tá doente? Eu vou lá." Entende? As pequenas comunidades podem fazer isso porque não têm muitos fiéis, então, vai visitar um por um, conhece a vida de cada um, quer dizer, a pessoa de repente se sente de novo pessoa, é um alguém, ela conta! Então, em terceiro lugar, essas religiosas todas trabalham muito fortemente com as emoções. A tradição das igrejas mais antigas, seja a Católica, seja as Igrejas Protestantes da Reforma, é muito cerebral, é uma religião de palavra. Sim, que existe rito, mas é muito mais... Então, os protestantes mais ainda do que os católicos. Os católicos ainda têm certos ritos, certos símbolos, mas os protestantes acabaram com tudo que

é símbolo, ficou a palavra, a palavra de Deus só, a pregação... Quer dizer, uma religião tremendamente intelectualizada. Ora, você chega aí pra classe popular, todo mundo se remexendo, aí nos negócios, dançando, duas horas de dança... Eu celebro aqui numa favela, eu passo tá lá um terreiro de Macumba, eu digo: "Gente, vamos ver se a gente entra pelo menos em concurso com esse aí, porque o negócio aí tá ótimo!" (Risos) Então, você veja, a falta de inculturação da religião, não só a católica mas da religião cristã e coisa e tal, o assumir a música, os símbolos, a maneira de ser - o povo tremendamente musical como é o povo brasileiro, o povo do carnaval chega na Igreja tudo duro, ninguém se mexe, ninguém. Ninguém dança, não há expressão corpórea, a não ser mínima. E os símbolos que nós ainda temos são todos que vêm do passado, as pessoas nem entendem mais. Quer dizer, quem entende que a missa é um banquete? É um partir o pão e

“... O mundo ficou desencantado porque ele não precisava mais da religião pra se explicar, você tinha a ciência para explicar o mundo.”

comer junto na mesma mesa para significar a fraternidade de todos? Ninguém entende mais isso.

Entrevista - E o que é que o senhor defende, então? A tradição da Igreja Católica ou, então, a transformação concomitante a essa modernidade?

Manfredo - Eu não sou de "ou uma coisa ou outra". Nós estamos dentro de uma grande tradição - não existe vida humana sem tradição. Agora a tradição só pode ir pra frente quando ela é capaz de se traduzir. Tradição quer dizer exatamente isso: eu entrego às novas gerações uma herança, mas essa herança pra poder ser válida às novas gerações ela tem que traduzir. Tanto que um dos problemas fundamentais trabalhados na conferência de Santo Domingo, como o grande desafio da Igreja para o futuro, vai ser exatamente o problema de inculturação, a inculturação no mundo moderno - como é que a igreja vai falar pro mundo que nasceu fora da sua esfera? Foi gerado, tal-

vez, nas suas origens por inspiração cristã mas que não é mais cristão diretamente - se entende como um mundo secularizado, autônomo, um mundo do homem, à altura do homem -, como é que a igreja vai falar? E inclui também a inculturação a nível das massas populares, das diferentes culturas não ocidentais existentes no país, as culturas africanas que ainda resistem de algum modo, o mundo dos índios, quer dizer, esse problema foi cobrado, o grande desafio da Igreja nos próximos séculos.

Entrevista - E no caso a Teologia da Libertação teria já uma resposta?

Manfredo - Olha, a Teologia da Libertação se encontra muito defasada em relação a essas questões. Porque, veja bem, a Teologia da Libertação enfrentou um outro tipo de problema, que foi o problema da opressão. E da opressão em primeiro lugar econômica. Só agora é que ela tá ampliando a sua maneira de ver e vendo, inclusive, que a sua análise da realidade foi muito pobre no passado porque ela se concentrou numa questão, como se o homem fosse só estrutura econômica e política. O homem não é só ser das estruturas, o homem é também um ser que interpreta, que faz e que vive. Quer dizer, ele é também o homem do simbólico, ele é o ser semiótico, como se diz hoje. Então, querer mudar a sociedade sem mudar as matrizes culturais é passar por cima das pessoas, é não conseguir que as pessoas mesmas sejam sujeitas da sua própria mudança. Ora, e isso a Teologia da Libertação tá percebendo hoje. Tá percebendo que sua análise da realidade era, de certa maneira, parcial porque não deu conta de uma série de questões. Por exemplo, a questão étnica não dava pra ser trabalhada com o tipo de análise que a Teologia fazia. A questão da mulher, por exemplo, não dava também pra ser trabalhada com aquele tipo de questão, pra quem, onde a mulher só entrava como pobre econômica. A questão da mulher não pode ser reduzida. É também, mas não só uma questão econômica. Então, hoje, a Teologia da Libertação amplia. Houve até, eu acho, um mal-entendido, porque muita gente ficou pensando que depois do socialismo real, a queda do socialismo real, então, a Teologia da Libertação tava voltando atrás, porque falava em revisão. Mas a revisão aí é ampliadora, o que ela está fazendo é ampliando o seu nível de análise, quer dizer, não se trata de retroceder em relação às suas opções de fundo, mas se trata de

ampliar a visão que se tinha e de perceber que as questões da opressão não podem ser limitadas à esfera do econômico e do político, que... Basicamente a vida humana toda, em toda a sua riqueza, é toda ela capaz de sofrer a opressão e a alienação. Portanto, a libertação tem que abarcar muito mais dimensões pra poder encontrar o homem verdadeiramente.

Entrevista - Manfredo, você falou, usou o termo do que a gente tá vivendo de "desencantamento do desencantamento", não é isso? E, numa declaração sua, você falou da indignação ética da sociedade. Você disse que ela tem se explicitado na reivindicação por direitos elementares da pessoa humana. Você observa isso mesmo, assim muito claramente, na América Latina?

Manfredo - Há muitos grupos, né? Eu não digo que isso é uma coisa assim... generalizada. Embora a gente possa dizer que nas últimas décadas, por exemplo no Brasil, houve um certo aprofundamento dessas questões. Ninguém considerava mais simplesmente normal que as pessoas vivam morrendo de fome. Por exemplo: essa campanha do passado em torno da solidariedade, contra a miséria e a fome (*refere-se à campanha do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho*), é um sinal concreto que grandes contingentes da população brasileira não consideram a fome "algo normal" nessa sociedade. Então, o que se construiu de solidariedade humana é um valor inestimável. Eu acho que há muitos grupos nessa sociedade que estão lutando em defesa dos direitos fundamentais. Eu acho que nós estamos de fato, agora, construindo a nossa modernidade. Porque, veja bem: a idéia de direitos universais é uma idéia central da modernidade. O mundo feudal tinha direitos particulares, corporativistas, de estamentos específicos da sociedade. Não existia a idéia do homem sujeito de direitos. Essa é uma idéia tipicamente moderna de que a pessoa humana tem direitos inalienáveis. E foi em torno dessa idéia que se fez a Revolução Francesa, depois a crítica que Marx (*Karl Marx, filósofo alemão, autor do clássico O Capital*) vai fazer à Revolução Francesa, ou à burguesia... Não é porque ele é contra esses direitos fundamentais e inalienáveis da pessoa humana. É pra provar que a burguesia é incapaz de cumprir o seu grande ideário. Da fraternidade, da justiça, da liberdade etc.. Então, no Brasil, isso é uma coisa nova. Que grupos humanos de

pessoas dos mais diversos níveis da sociedade se reúnam para protestar contra o que se faz, para defender direitos. Por exemplo, são os índios gritando pela demarcação de suas terras, pelo direito de ter a sua cultura, de serem alfabetizados na sua língua, de não serem obrigados a falar a língua dos outros; de mulheres que exigem o reconhecimento dos direitos iguais, que se ponha abaixo toda e qualquer discriminação; das condições mínimas de vida para a grande população; comunidades que vão reivindicar, por exemplo, água, que vão reivindicar luz, que vão reivindicar casa. São esses movimentos que eu vejo hoje presentes na sociedade brasileira que eu digo que são movimentos éticos porque estão em função da defesa dos direitos elementares da pessoa humana. Quer dizer, eu não digo que a sociedade inteira, mas há grupos humanos dos mais diferenciados, espalhados pelo Brasil inteiro e cuja atividade roda em torno da defesa dos direitos elementares da pessoa humana.

“O homem não é só ser das estruturas, o homem é também um ser que interpreta, que faz e que vive. Ele é também o homem do simbólico”.

Entrevista - O que você acha que causou essa onda de reivindicação?

Manfredo - Bom, há muitos fatores. Eu acho que um deles é a pauperização que aumentou. Eu ontem estava lendo na Folha de São Paulo uma entrevista de Caymmi (*Dorival Caymmi, músico baiano*) e Caymmi dizendo que quando ele chegou ao Rio de Janeiro, nos anos 50, havia pobreza, mas não era o que é a pobreza hoje. Se você olha para uma favela como a Rocinha, de trezentos mil habitantes, é a visualização dos milhões... Milhões de pessoas no Brasil hoje, quer dizer, eu acho que o nosso processo de industrialização foi um processo em que as desigualdades sociais cresceram, cresceram muito. Em segundo lugar, houve grupos que tomaram consciência. Eu acho que aí, também, a Igreja teve um papel importante como se costumava dizer na época da ditadura, como uma "entidade ética", como uma entidade que falou na sociedade para defender o direito dos

oprimidos. Por exemplo: a Igreja que, em plena ditadura militar, lançava um documento defendendo a reforma agrária, ou que lançava um documento sobre a questão da moradia urbana, ou questões assim. A CNBB (*Conferência Nacional dos Bispos do Brasil*) funcionou nesse país ao lado de outras entidades como a OAB (*Ordem dos Advogados do Brasil*) etc., como forças éticas em defesa dos direitos das grandes maiorias. Por um lado, portanto, houve essa piora da situação, deteriorização da vida humana, o próprio processo de industrialização aumentou as desigualdades. E, por outro lado, houve grupos dentro da sociedade civil que se fizeram porta-vozes dessas maiorias oprimidas. E isso ajudou a criar uma consciência ética nova, ajudou a difundir valores.

Entrevista - Onde é que ficam as Comunidades Eclesiais de Base nessa história?

Manfredo - Exatamente. Elas foram, no meio dos pobres, um grande fermento. Primeiro porque ajudaram os pobres a tomarem consciência da sua dignidade e os pobres, uma vez conscientes de sua dignidade... Tem um cântico muito cantado nas Comunidades de Base, "Nossa Vista Clareou / e a gente descobriu que o pobre tem valor." Ora, descobrindo que o pobre tem valor, você vai ajudar outros pobres a descobrirem que têm valor e se atualizarem. Eu acho que a Comunidade de Base, pelo menos a nível dos pobres, ajudou a criar essa consciência, como também a criar... Até se pensava que elas tinham poderes políticos enormes, julgava-se que a Comunidade de Base era coisa assim que podia ter efeito político muito grande, o que é um engano. Mas isso significa que ela deu a falar em relação à sua presença na sociedade. Embora tão pequena, ela tinha sua influência, tinha o seu espaço de ação na sociedade. Eu acho que tudo isso, mas não só as comunidades de base. Veja só os grupos de mulheres, os grupos de carestia, os grupos em defesa da vida, os grupos de negro, de consciência negra etc... Quer dizer, o Brasil hoje é um grande laboratório de movimentos sociais. Pipocaram movimentos de todos os cantos. Acho que a sociedade civil... Acho que a própria ditadura provocou isso. Porque a ditadura por um lado modernizou o país, tecnocraticamente, mas não dava pra ficar, do ponto de vista político e social, naquela defasagem total. A própria industrialização começou a provocar mudanças na vida das pessoas e as pessoas começaram



Os amigos dizem que é superafetivo, do tipo que valoriza as relações pessoais, sempre mantendo contato nem que seja pelo telefone.

Muito disciplinado, dorme cedo e acorda com as galinhas. Mora no Seminário de Filosofia da Prainha.

Adora ir à praia e dançar, apesar de preferir a diversão de uma boa conversa.



Manfredo se veste com simplicidade visível. Tem um Gol 1000 e deixa que uma funcionária da agência bancária aplique seu salário.

Modesto, mas muito seguro daquilo que sabe, é viciado em estudar, estando por isso sempre atualizado.

Diz ter sido precoce intelectualmente, tendo sido estimulado pelos professores.

a se organizar. Então, à medida que a sociedade se foi abrindo, os grupos se foram também organizando. Eu acho que o peso dessas entidades éticas, dentre as quais está a CNBB, é muito grande para ajudar a aprofundar essa consciência dos valores e dos direitos fundamentais.

Entrevista - Mas Manfredo, você acredita que as pessoas, para amadurecer e para crescer, têm que sofrer? Você falando de tudo isso, das Comunidades Eclesiais de Base se metendo à frente da ditadura, as mulheres com todos esses cerceamentos que sofreram, os negros, a gente passa a pensar assim que um período negro poderia trazer a luz.

Manfredo - Não, não é isso. O que eu digo é o seguinte: os desafios da vida provocam reflexão.

Entrevista - Os momentos de crise são os momentos de maior efervescência...

Manfredo - Os momentos de crise são os momentos de grandes chances. Eu considero a crise um momento fundamental na vida humana, que deve ser olhado não só do ponto de vista negativo, mas também do ponto de vista positivo pelas alternativas que ela abre. Então, nós somos postos diante de situações tão aberrantes que as pessoas começaram a refletir: "Não é assim, não"; "O que que significa tudo isso?". Quando eu cheguei aqui, fui tirar minha carteira de identidade e durante o período que eu estive na polícia, eu ouvi gritos de pessoas torturadas. Veja, quem estava chegando de dez anos na Europa, onde tais coisas - pelo menos nos países em que eu vivi - são simplesmente impensáveis. E países que passaram por coisas muito humilhantes, como o caso da Alemanha. Você começa a se perguntar: "Onde é que eu estou?" Eu fui fazer um juramento, né, pra receber a carteira de reservista, o coronel lá que me recebeu disse que a Pátria esperava que, nos meus sermões, eu defendesse a pátria. E eu fiquei pensando: "Bom, eu posso fazer o juramento sim, porque eu não vou mentir, vou defender a pátria, só que o defender a pátria vai significar defender esses que estão gritando, esses pobres ameaçados, esses que não têm dignidade... Isso é que é defender a pátria. O que que é a pátria? São as pessoas. Do contrário, é um conceito ideológico para justificar o injustificável. Então, quer dizer, essa própria situação levava a gente a se perguntar e descobrir. Eu lembro que, naquela época, eu recebi em casa um grupo de estudantes - eu não me lembro se

era do curso de Sociologia ou curso de Comunicação -, eram todos meninos de classe média da Aldeota. Eles foram à favela e depois chegaram pra mim e disseram: "Olha, nunca tínhamos entrado numa favela, nós não sabíamos o que era e nós não imaginávamos que era possível as pessoas humanas viverem daquele jeito." Então eu fiquei pensando: "Puxa vida! Mas será possível que existem jovens nesse país que não conhecem favela?" Mas eles estavam dizendo que não conheciam. Eu comecei a pensar e eu comecei a ver com meus sobrinhos e percebi que os meus sobrinhos também não conheciam, não tinham a menor idéia de como é que vivia o povo. Então, eu disse: "Olha, veja bem como se fez nesse país realmente uma apartação." Hoje se fala de apartação social, né, mas a realidade era muito velha, porque era como se existissem dois países. Quem morava na Aldeota não tinha idéia, tanto que eu depois fiz

"Os momentos de crise são os momentos de grandes chances. Eu considero a crise um momento fundamental na vida humana".

muitas brincadeiras: quando me pediam para levar um estrangeiro à favela, eu ia pela Barão de Studart (uma das principais avenidas da zona nobre da cidade, cortando o bairro Aldeota) ou pela Rui Barbosa (outra avenida no mesmo bairro). Então você passa pela Aldeota e em cinco minutos você desembocava no Lagamar (região que abrange vários bairros pobres de Fortaleza). E as pessoas tomavam um susto. Um alemão disse assim: "Espere, eu me imaginava antes que estava em uma cidade da Virgínia, nos Estados Unidos, de repente estou no Bangladesh (um dos países mais pobres da Ásia,)!". Eu disse: "Pois é, pois o Brasil é isso mesmo. Virgínia e Bangladesh na mesma cidade..."

Entrevista - Colados...

Manfredo - Colados. A própria proximidade da coisa tornou a coisa mais visível e foi um espaço que possibilitou às pessoas começarem a perceber. Isso não necessariamente leva a isso, mas abre chances para. Sobre tudo se há quem contribua para que esse processo de reflexão se dê.

Entrevista - A luta pelo ético então é, sobretudo, a luta pela sobrevivência.

Manfredo - Pela sobrevivência e pela dignificação da pessoa, em todos os níveis da vida.

Entrevista - Manfredo, como é que é discutir ética numa sociedade que é, como poderíamos dizer, atética e que não é acostumada a pensar as questões racionalmente, começar a resgatar as fundamentações da ética?

Manfredo - Não, veja bem, aí eu não diria que é uma sociedade que não discute racionalmente. Há diferentes formas de racionalidade e inclusive do ponto...

Entrevista - As pessoas não estão acostumadas a...

Manfredo - Mas, veja bem, nós sofremos um processo de modernização muito acelerado. E o processo de modernização significa um processo de cientificização. Quer dizer, a ciência começou a ser um elemento importante na vida das pessoas, e um elemento até vulgarizado, né? Você veja, se você toma, por exemplo, a história do CIC (Centro Industrial do Ceará), dos empresários cearenses. Uma das características dos novos empresários, do grupo que chegou ao poder, Cambeba (Centro administrativo do Governo do Estado do Ceará): Tasso Jereissati, Amarílio Macedo etc. - foi lançada até uma obra sobre essa questão - é que esses novos empresários, todos eles, eram de formação universitária, eram técnicos. Passaram pela Universidade, enquanto que os antigos empresários não tinham esse nível de formação. Às vezes era um sujeito muito rico, mas não tinha. Quer dizer, a nível propriamente da razão instrumental, da razão científica, houve um processo de racionalização. Não é assim que no Brasil... O problema é que, pela própria modernização, quando ela é feita de uma maneira reducionista, que é concentrada na esfera da instrumentalidade, então, de fato, aí a ética fica atrofiada. Você reduz a ética à esfera dos sentimentos. Então, não é que você tivesse que introduzir, propriamente, na sociedade brasileira, a racionalidade. Você teria que ampliar a racionalidade vigente, que se tornou muito limitada à esfera das ciências e da análise dos fatos, dos fenômenos empíricos e não de uma reflexão propriamente a nível da legitimação de normas. Mas isso não é uma coisa típica do Brasil, é uma coisa característica de qualquer sociedade moderna. Em

toda ela há um atrofiamento da razão ética e uma exacerbação da razão instrumental, da razão científica. Foi esse já um dos temas básicos exatamente da Escola de Frankfurt: o atrofiamento do ético na sociedade moderna.

Entrevista - Manfredo, como é que você vê os meios de comunicação? Eles têm condição de diminuir esses abismos entre as classes sociais? Qual é a missão dos meios de comunicação e como é que...

Manfredo - De contribuir para. É claro, os meios de comunicação são meios importantíssimos. Não é possível mais pensar a vida humana sem os meios de comunicação social. Aquela grande disputa entre os sentidos dos meios de comunicação social na Escola de Frankfurt... havia basicamente duas posições. Uma que dizia: os meios de comunicação estão totalmente tomados pelo sistema e que não têm mais jeito de sair. Simplesmente instrumentos do sistema. E outra dizia: não, os meios de comunicação têm enormes chances, enormes possibilidades. Eles podem ser instrumentos valiosíssimos do processo de conscientização, de contribuir para facilitar a reflexão e até tornar o diálogo, a nível mundial, possível. O que não era possível no passado. Você hoje pode debater, dentro de casa debatendo com gente do Brasil inteiro. Veja a possibilidade pela técnica dos meios de comunicação social. Eles abrem uma chance enorme. Você imagina o que se estará passando, por exemplo, na televisão do futuro, quando a televisão deixar de ser apenas o momento em que eu viro espectador absoluto, fico lá olhando pras imagens sem poder participar. Imagine quando você puder participar, o que isso vai facilitar nos debates, inclusive de aprofundamento da capacidade que o povo tem de debater e de se enriquecer. E como nenhum de nós é dono da verdade, a verdade não é monopólio de nenhum indivíduo, a verdade é uma busca coletiva e as diversas perspectivas ajudam a ampliar a visão de cada um. Quer dizer, você poder fazer isso e os meios de comunicação social dão grandes chances para isso. Eu acho um dos elementos fundamentais para a nossa sociedade, hoje. Agora, claro, eu sei que na forma como eles estão sendo empregados, hoje, estão atrelados a interesses específicos que não são os interesses da grande maioria. O que torna a coisa meio problemática. Mas o que eu acho interessante na democracia é exatamente isso. Tudo se torna arena,


onde os interesses diversos entram em conflito. Ninguém tem mais direito. Nem, nem, nem a burguesia, por mais que ela domine a atual situação. Ela não é dona nem do Estado, nem dos meios de comunicação social. Ela não pode evitar que questões apareçam. Se você vai fazer uma entrevista, de repente tem lá uma coisa que você não esperava e não dá mais para tirar do ar. Há coisas que são incontroláveis. Então, ao invés de um simples instrumento de classes dominantes, como muitas vezes se pensou, acho que os meios de comunicação também são o espaço do debate e do conflito de interesses que podem ajudar enormemente no processo de conscientização.

Entrevista - Ó Manfredo, voltando um pouco essa questão da ética. Você é um dos maiores estudiosos nesse assunto, é uma das pessoas que mais reflexões fazem, que vive nesse país tão miserável, tão cheio de... Como é que você lida com isso no seu interior? Você se depara

“Os meios de comunicação são importantíssimos. Não é possível mais pensar a vida humana sem os meios de comunicação”

com essa situação e ter essa racionalidade, pensar sobre essa ética sob esse ponto de vista tão enraizado? Como é que você se recolhe em casa e se coloca como um pensador ético? O que é que isto te angustia? Como você definiria isso?
Manfredo - Veja bem, tem dois momentos que a gente não pode perder de vista. Primeiro, o momento da dor. O momento do sofrimento, de ver a pessoa humana esmagada, né, em todos os níveis. Veja bem, eu fiz uma vez uma experiência aqui. Eu cheguei para falar com uma pessoa numa determinada instituição pública do Governo do Estado e pedi para falar com o superintendente. E me perguntaram: “Quem é o senhor?” Eu disse: “Eu sou uma pessoa humana.” “Mas ele não recebe não”. Tudo bem, ele não recebe uma pessoa humana. Então eu cheguei em casa, eu telefonei para essa instituição e chamei uma amiga minha que

trabalhava lá e disse assim: “Olha, avisa ao superintendente que eu fui aí em nome do Cardeal e não fui recebido porque eu disse que eu era uma pessoa humana.” Ora, você pode imaginar o escândalo dele, o rebuliço: “O Cardeal!!!” (*Manfredo bate na mesa para enfatizar a expressão desesperada do superintendente, o que causa uma onda de risos*) Mas eu queria mostrar para eles que eles são assim. Recebem o Cardeal porque é o cardeal, mas não recebem uma pessoa qualquer. Quer dizer, isso é pra mostrar que, em todos os níveis, a pessoa humana não vale nada nesse país. Isso é um sofrimento muito grande e eu tenho experimentado na pele o mínimo, porque o pior é tá na rua sem ter nada, é tá de baixo do viaduto, é tá sem emprego, é tá expulso de todo canto etc.. Agora, por outro lado, eu sofro uma profunda alegria quando vejo as pessoas na luta. Eu trabalho numa comunidade de base feita de gente pobre, que já teve muitas vitórias... Uma comunidade que ia ser expulsa, que ia sair. Lutou para ficar ali. Lutou pela urbanização. Me lembro de uma vez, quando o Prefeito de Fortaleza chegou lá na comunidade e uma mulherzinha disse: “Mas seu Prefeito, o senhor não pode imaginar o que eu fiz para conseguir esse barraco. Olha, eu deixava esses meninos sozinhos dentro de casa. A menina de cinco anos tomando conta dos ‘pequenim’. Quando eu chegava em casa, olha o coisa de... desse tamanho!...” (Ele se refere à sujeira e aos dejetos acumulados nas ruas). Mas e daí? De repente: “Eu trabalhando para conseguir erguer um barraquinho e o senhor agora vem me tirar daqui e diz ‘se vire’?” O Prefeito virou para a Adísia (*jornalista Adísia Sá*) e disse: “O que que eu digo?”. “Não tem o que dizer!” Bom, é um sofrimento, por um lado, viver uma coisa dessa, de uma pessoa dizendo: “Olha, eu deixei meu filho em casa, de cinco anos, tomando conta dos ‘pequenim’, pra poder ir trabalhar na rua e para poder não morrer de fome e construir um barraquinho e você me tira daqui e diz ‘se vire!’” Mas, por outro lado, de ver um favelado desse botar um Prefeito num canto de parede e virar prum jornalista: “O que que eu digo?” E não tinha o que dizer! E no dia seguinte mudou o plano: os favelados ficam. Se tem a dor no desrespeito à pessoa humana, tem a alegria de ver os pequenos lutando e tomando consciência da sua dignidade e enfrentando os grandes! Talvez aquelas mulheres não fossem capazes de enfrentar seus maridos em



Manfredo se considera tímido, mas aos nove anos já dava provas de seu temperamento forte e caráter questionador.

Numa ocasião, da qual não lembra detalhes, “enfrentou” a professora em sala de aula, acusando-a de injusta.

O diretor da escola, embora tenha lhe dado razão, teve de puni-lo para não desautorizar a professora.



O pai de Manfredo era comerciante e chefe político de Limoeiro do Norte. Para se mostrar rebelde, apoiava o candidato de oposição a seu pai.

casa, mas enfrentaram o Prefeito. E enfrentaram o Governador, como no dia que foram ao Cambé, que botaram lá um cachorro pastor alemão e ninguém voltou atrás. Então, isso dá um misto de alegria e de tristeza, de ver a pessoa pisada, mas ver a pessoa pisada se levantando e dizendo: “Eu sou gente, eu tenho dignidade!” E de ver também que a minha tarefa como filósofo é ajudar a mostrar que isso que se faz é o que se deve ser feito porque a pessoa humana tem uma dignidade incondicional e que não pode ser tocada por ninguém. Então, veja bem: é uma coisa dolorosa, mas que, ao mesmo tempo, tem sua alegria. E sobretudo por ver esse país se remexer de tantas maneiras como ele tá se remexendo.

Entrevista - Manfredo, então você sempre esteve ao lado das minorias, né...

Manfredo - Ao contrário, das majorias. (Ri)

Entrevista - Das minorias menos favorecidas, né?

Manfredo - Mas essas são as grandes majorias do nosso país. É o contrário, nos países ricos é que, de fato, são as minorias.

Entrevista - Então, você também sempre teve um acesso fácil ao poder e às vezes teve que ir contra ele. Como é que é essa sua relação? Por exemplo, aqui tem um fato que você foi afastado da direção do Seminário da Prainha em 83 porque foi a favor dos retirantes da seca. Então, você deve entrar em muitos conflitos durante toda a sua trajetória...

Manfredo - Hum, já estou acostumado. Bem, realmente, esse foi um episódio muito doloroso. Bem, de fato os pobres foram ao Seminário da Prainha e houve toda uma luta para eles conseguirem entrar e naquela época eu era diretor do Instituto. Então, determinadas pessoas botaram na cabeça que eu era do PCdoB (*Partido Comunista do Brasil*) e que, portanto, estava orientando o Instituto de Teologia na direção do PCdoB. E pediram que eu fosse exonerado, e de fato fui. Se vii depois que isso não tinha fundamento. Naquela época mesmo chegou ao Arcebispo um dossiê da Polícia Federal enorme, com acusações gravíssimas. E, inclusive, arrombaram meu carro, pegando um material. Só que eu me diverti muito depois. Naquela época eu tinha um gravadorzinho dentro do carro e tinham me dado uma fita com músicas no dialeto Reno e a polícia levou o dialeto do Reno e não encontrou, certamente, nenhuma pessoa

em Fortaleza que conhecesse esse dialeto (*risos*), para a minha sorte, porque é uma coisa ridícula. Quer dizer, eu me diverti sozinho depois, eles devem ter chamado tudo quanto era especialista (*risos*), e não conseguiram porque nem eu entendia as canções. Canções em dialeto, dialeto alemão, mas um dialeto diferente da região em que eu vivi. Então esses conflitos aconteceram, são difíceis, complicados, sobretudo complicados quando eles são dentro da própria Igreja, né? Pessoas da mesma fé, que se desrespeitam, né? Eu me lembro que numa oportunidade dessas daí, entraram duas pessoas na Prainha pra se matar. Alguém tinha tentado tirar a carga de um caminhão que parou no sinal. E o motorista pegou um ferro e saiu atrás desse sujeito. E o sujeito pegou um paralelepípedo. Eles estavam para se matar. Aí chegou alguém para mim e disse: “Você é que é culpado disso. Porque você defendeu que esse pessoal entrasse

“E o brasileiro, graças a Deus, não deixou de festejar. É um povo super alegre, um povo musical, um povo dançarino, um povo festivo!”

aqui. Vá agora acabar com a briga! E eu fui morrendo de medo - meu Deus, vou me meter nessa briga.” E cheguei lá. Por uma circunstância qualquer, a briga acabou. Mas, quer dizer, eu fiquei assim, até... Eu cheguei a dizer ao Bispo que: “Olha, certamente os meus delatores moram nessa casa.” Eles eram pessoas da Igreja que moravam lá no Seminário da Prainha e eu cheguei a dizer isso porque era possível e considero que, numa vez, inclusive durante uma missa, uma mulher gritou e disse que ia pra casa porque ia me denunciar à Polícia Federal porque eu estava fazendo subversão na Igreja. Então, quer dizer, de ver cristão, né, da mesma fé, levar você aos tribunais como um subversivo, quando a minha intenção mesmo era defender a dignidade da pessoa humana. Agora, conflitos aconteceram milhões, mas foram tantos conflitos que eu já estou acostumado com eles, já não me causa mais grande pavor porque hoje sei que em todas as coisas humanas, desde as mais santas, o homem con-

tinua homem e a condição humana que... É uma coisa que ainda hoje não consegui entender é o mistério da iniquidade da presença do mal na vida humana. Na capacidade que o homem tem de fazer o mal, que é um negócio que sempre me espanta, de tal maneira como filósofo, que procuro insistir que o homem seja chamado ao bem, à verdade, à justiça, à honestidade, à fraternidade, ao respeitar de mais o outro, que eu sempre me espanto muito quando vejo coisas como a chacina, quando vejo crianças mortas, assassinadas. Mulheres atacadas. Quer dizer, pra mim é sempre um mistério.

Entrevista - Manfredo, para terminar a entrevista, eu gostaria da tua mensagem pro Brasil - tão otimista que você falou aí, de mudança e tudo - ainda num período de eleição...

Manfredo - O quê? Eu passei um... muito otimista?

Entrevista - Com certeza!

Manfredo - Não, eu vi um Brasil gravíssimo. Eu acho que nós vivemos uma das situações mais graves do mundo! Eu sempre digo que nós somos campeões mundiais de injustiça. Porque uma coisa é um país africano que não tem nada, né, que as pessoas andam esticando a canela na rua; e outra coisa é um país moderno, riquíssimo, com a população imensa e com chances imensas como é o Brasil. Portanto, nós somos o país mais psicodélico do mundo! Quer dizer, você tem riquezas enormes - olha, a concentração de riqueza que tem no Ceará não dá pra entender. Se você vem do Sul e pensa que vai encontrar um grotão, bastaria uma Tabuba (*praia ao litoral norte de Fortaleza*) dessas. As mansões que nós temos à beira da praia! Com casas de veraneio, de fim-de-semana! Imagine uma casa mesma quem tem aqui! Há uma concentração de riqueza neste Estado, que é o terceiro mais pobre do Brasil, que é um negócio gigantesco. Quer dizer, eu acho a questão do Brasil muito séria e nós estamos passando por uma crise enorme, talvez a maior das crises. Agora...

Entrevista - Mas isso não elimina o seu...

Manfredo - Não elimina a riqueza de movimentos que existe. E a minha esperança está daí, que uma sociedade que começa a ser autônoma. E uma sociedade que começa a ser autônoma começa a cobrar, começa a exigir. Pra mim é o caminho possível. Quanto mais você radicalizar a democracia, quanto mais vai haver pressão, quanto mais vai haver exi-

Manfredo entrou para o Seminário dos Holandeses aos quinze anos, depois de ter repetido, voluntariamente, a 7ª e a 8ª séries no Ginásio Diocesano.

Pretendia reforçar os conhecimentos em Latim, pois sabia que não podia comparar o ensino do Seminário com o da escola brasileira.

gência, quanto mais vai haver racionalização. Então a minha mensagem é: "O que está em jogo hoje são os valores básicos da vida humana e esse país precisa passar por uma profunda inversão de valores, uma profunda inversão de prioridades." As grandes massas oprimidas deveriam ser a preocupação fundamental. Querer resolver a questão da satisfa-

ção das necessidades elementares das grandes maiorias é a questão das questões desse país hoje, né?. E a "festa" do sentido, porque o homem vive de pão e de festa, né? Vive de pão e de festa porque a festa é o momento em que a gente celebra os sentidos que o país vive. E o brasileiro, graças a Deus, não deixou de festejar. É um povo super alegre, um

povo musical, um povo dançarino, um povo festivo!

Entrevista - E você certamente também é?!

Manfredo - Eu também, é claro. E um povo festivo é um povo que não perde as esperanças, graças a Deus! Senão, nós estaríamos no abismo mesmo. □



Ao acabar a entrevista, Manfredo se despediu rapidamente e, sempre apressado, saiu para mais um compromisso.